HISTÓRIA, MÚSICA E DIÁLOGO: Uma aula do PIBID sobre reconhecimento do patrimônio imaterial do Vale do Paraíba

João Vitor Nogueira Silva[1], Ana Enedi Prince Silva[2], Roberto Gomes Monção Junior[3].

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, bismuth.joao@gmail.com; prince@univap.br; roberto.moncao@univap.br.

Resumo
Este trabalho relata uma experiência de aula do Projeto de Incentivo e Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) dos alunos do curso de história da Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP). A pesquisa-ação foi a principal metodologia aplicada durante a experiência de aula, buscando compreender, entre outros aspectos, a efetividade e usabilidade do modelo praticado na aula aqui descrita. O objetivo da aula foi discutir a música como patrimônio imaterial, falando das músicas ao redor do mundo e, mais especificamente, as músicas do Vale do Paraíba, bem como a relação dessas músicas com o ambiente social e a importância da preservação da memória através da arte.
Palavras-chave: História, música, patrimônio, ensino, PIBID

Área do Conhecimento: Humanas (INID), História

Introdução

A música é uma das mais antigas expressões de arte no mundo juntamente com a dança e o desenho, sendo datada de mais de 40000 anos atrás. Em todos os lugares onde houve a presença do ser humano, ali também estava a música como parte da cultura.

Ao longo da história autores como Platão, Adorno e Horkheimer, Howard Becker e até Mário de Andrade dedicaram partes de suas vidas a entender como a música não somente se faz presente na humanidade, mas também funciona como um agente transformador, um marcador cultural e uma ferramenta do senso de pertencimento em sociedade. Sendo assim percebe-se, com facilidade, a relevância que há no conhecimento da música ao redor do mundo e no percurso da história. Tendo em vista que órgãos de preservação da memória como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e a Organização das Nações Unidas para Educação Ciência e Cultura (UNESCO) reconhecem formas de expressão musical como patrimônio imaterial no Brasil e no mundo é de se notar a importância de ensinar os alunos acerca desse tema, tanto em escala mundial, quanto nacional e, principalmente, regional, como é o foco da aula abordada neste relato.

Fica claro, também, como abordar temas artísticos como a música pode funcionar não somente como um artifício de ensino, mas também como um catalisador da aproximação entre o professor e o aluno, relação indispensável no processo de ensino-aprendizagem, visto que os interesses do aluno e do professor entram em diálogo, cercados pelo tema da aula, fazendo do momento uma oportunidade de socialização ativa e conhecimento do próximo e não um momento de absorção passiva de conhecimento, como também afirma Silva (2007), ao dizer que na interação entre professor e aluno é necessário que o professor saiba ouvir, dialogar e entender os alunos de forma a ligar o conhecimento a ser passado em aula sem desconsiderar os conhecimentos dos alunos.

De acordo com Brito (2003), aprender a escutar é essencial para uma educação musical humanizadora, pois quando “tomamos consciência do fato sonoro” passamos a interagir com os sons que nos rodeiam e percebemos as pessoas à nossa volta, compreendemos melhor o outro e o mundo em que vivemos.

Para que a aprendizagem da música possa ser fundamental na formação de cidadãos é necessário que todos tenham a oportunidade de participar ativamente como ouvintes, intérpretes, compositores e improvisadores, dentro e fora da sala de aula. Envolvendo pessoas de fora no enriquecimento do ensino e promovendo interações com os grupos musicais e artísticos das localidades, a escola pode contribuir

para que os alunos se tornem ouvintes sensíveis, amadores talentosos ou músicos profissionais (Brasil, 1997, p.77).

Neste artigo será comentada uma aula do Projeto de Incentivo e Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) de história em uma das escolas parceiras em São José dos Campos, dentro do eixo temático da educação patrimonial. A proposta da aula em questão era de apresentar e discutir com os alunos sobre diversas expressões da música em culturas do mundo com o tema sendo progressivamente mais nichado até falar da música regional do Vale do Paraíba, abordando alguns dos ritmos mais característicos do Vale, assim como suas influências culturais, como essas músicas afetavam o cotidiano da época em que surgiram e como nos afetam até hoje.

Metodologia

Neste trabalho será discutido um relato de experiência em que se utilizou a pesquisa-ação como principal metodologia de pesquisa aplicada para a aula, a fim de entender a receptividade dos alunos para a abordagem metodológica utilizada, o interesse da turma pelo tema trazido à aula e como essa abordagem poderia ser utilizada em outros contextos de aula. Segundo Thiollent (2011, p. 14), a pesquisa-ação é uma "pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estrita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo" Diferente das abordagens tradicionais de pesquisa, em que o pesquisador assume uma postura neutra e distante do objeto de estudo, a pesquisa-ação exige o envolvimento direto e colaborativo de todos os participantes no processo educativo. Na prática pedagógica, essa metodologia se consolida em um ciclo contínuo de planejamento, ação, observação e reflexão: o educador intervém na realidade da sala de aula ao mesmo tempo em que investiga os impactos de sua prática, promovendo a transformação do ambiente de aprendizagem e encorajando os estudantes a deixarem de ser meros receptores passivos para se tornarem sujeitos ativos da construção do próprio conhecimento.

No primeiro semestre de 2026, em uma das escolas parceiras do PIBID em São José dos Campos, dois alunos bolsistas da Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP) ministraram uma aula com o tema "Patrimônio musical do Vale do Paraíba" para alunos de turmas do sétimo, oitavo e nono ano no clube de história da escola. Antes da aplicação da aula os bolsistas fizeram um levantamento de conteúdo como vídeos, áudios e textos que seriam apresentados para os alunos e que guiariam a conversa. Foi escrito um roteiro com uma série de perguntas e frases-guia que serviram como uma âncora de conteúdo para que a conversa pudesse fluir para outros assuntos, mas sem se distanciar do tema central da música e do patrimônio imaterial.

Primeiro, antes de começar a aula, as cadeiras foram dispostas em círculo, com os bolsistas fazendo parte da roda de conversa, evitando a disposição tradicionalista que centraliza e eleva a figura do professor, em vez disso fazendo de todos na sala de aula parte de uma única composição. A proximidade física entre os bolsistas e os alunos também permitiu um maior dinamismo que possibilitou uma discussão fluida durante todo o tempo da aula. Quase todos os alunos apresentaram suas opiniões e discutiram não só com os bolsistas, mas também, entre si mesmos, com exceção dos alunos mais tímidos que, como esperado, falaram consideravelmente menos em relação aos alunos mais comunicativos. O roteiro preparado para a aula envolvia questionamentos sobre o porquê das músicas de certas culturas serem mais facilmente identificadas do que outras, para que a música serve em um contexto social, como e por que surgem tradições musicais em sociedades, entre outros questionamentos acerca da historicidade e desenvolvimento da música ao longo do tempo e ao redor do mundo, tendo, posteriormente na aula, um foco no Vale do Paraíba. Entre os recursos utilizados para a aula estavam um notebook pessoal de um dos bolsistas e uma caixa de som bluetooth, também de um dos bolsistas que prepararam a aula.

Mais especificamente foram tratados durante a aula dos seguintes assuntos: música tradicional ao redor do mundo, envolvendo músicas da China, do Congo, dos nativos Dakota dos Estados Unidos e uma performance de haka maori da Austrália; música brasileira, como um tema mais generalizado e, por fim, música do Vale do Paraíba, tratando da moda de viola, do jongo, do samba e o choro, também destacando como alguns desses gêneros musicais foram usados nos filmes de Mazzaropi, criando no imaginário das pessoas de fora do vale o conceito de "música caipira". Paralelamente os alunos que participaram da aula trouxeram discussões sobre gêneros musicais mais modernos, como K-pop e outras músicas populares, principalmente dos Estados Unidos, o que gerou uma breve discussão sobre

como alguns governos mundo afora investem fortemente em cultura e na exportação da cultura e por que certos gêneros musicais são mais famosos do que outros, considerando se esse fenômeno tem mais implicações do que meramente a qualidade da produção ou a sonoridade das músicas.

Resultados

Logo no início da aula comentada neste artigo foi possível perceber uma notável diferença entre as demais aulas aplicadas anteriormente durante o projeto, que seguiam um modelo mais próximo do tradicional e expositivo. Antes que a conversa principal da aula começasse, houve uma breve conversa com os alunos que chegaram mais cedo, que serviu para inserir esses e os outros alunos que chegaram depois no ambiente da roda de conversa. Foi perceptível que perguntar "como estamos?" e "como está o dia?", por exemplo, a fim de iniciar a interação, demonstrar interesse pelo aluno e criar um ambiente seguro para conversa, impactou positivamente, definindo o fluxo do diálogo da aula. Conforme a conversa andava e chegavam os últimos alunos que faltavam para iniciar a aula, os bolsistas inseriram na conversa pistas do que seria o tema da aula do dia, a fim de gerar interesse e expectativa pelo que seria comentado. Tendo isso vista, percebe-se que uma aula começa antes mesmo que o tema central seja abordado, iniciando desde a idealização e a pesquisa para a preparação da aula, se desenvolvendo no momento "pré-aula" em que tudo já está preparado e a interação inicial com os alunos serve como gatilho para o clímax da "aula em si", tratando finalmente do tema central preparado.

Com todos os alunos já inseridos na conversa e o tema já apresentado, a aula seguiu uma breve dinâmica de explicação e um jogo de adivinhação. A ideia era que os alunos adivinhassem a origem de algumas músicas que os bolsistas apresentaram baseado na sonoridade da música e outros elementos presentes no áudio. Para a adivinhação os alunos consideraram aspectos como: que instrumento está sendo tocado, em que língua está sendo cantado, em que época foi gravado (baseado na qualidade do áudio), quais outros sons são perceptíveis além da música (tentando identificar o ambiente). Ficou claro que, durante o jogo, os alunos buscavam nas próprias memórias referências que indicassem o que eles estavam ouvindo, demonstrando um repertório cultural desenvolvido por eles mesmos ao longo da vida. A capacidade de dedução dos alunos foi, provavelmente, impulsionada por um espírito de competitividade que os alunos criaram entre si mesmos, para ver qual deles adivinharia com mais precisão e mais rapidamente o que estava sendo tocado. Isso se mostrou como um recurso positivo na aula, visto que a competitividade dos alunos gerou um engajamento geral na atividade, possibilitando comentários sobre a rapidez com que os alunos identificaram algumas das músicas (principalmente a tradicional chinesa) e por que certas músicas foram tão fáceis de identificar, enquanto outras foram consideravelmente mais difíceis. A cada música que os alunos adivinhavam corretamente, os bolsistas explicavam com mais exatidão o que estava sendo tocado, demonstrando também o vídeo de onde o áudio fora extraído, explicando o contexto regional da música e alguns outros aspectos como influências culturais e a relevância dessas músicas apresentadas até os dias atuais.

Após o jogo de adivinhações, a aula seguiu para uma discussão sobre os motivos da existência da música e que papel ela têm para diferentes grupos sociais. Alguns alunos demonstraram entender que a música serve não só como uma forma de expressão artística, mas também como uma ferramenta para um grupo se fazer presente em sociedade (assunto que também foi desenvolvido durante a aula), de forma que preservar a música também significa preservar a existência de um grupo na história através da arte. Essa discussão serviu como gancho para tratar das expressões musicais do Vale do Paraíba e seu papel de marcar na sociedade a presença de grupos como os caipiras do interior do vale, os caiçaras do Vale do Paraíba Fluminense, grupos quilombolas ao longo do território do vale, além dos intercâmbios culturais entre as comunidades do Vale do Paraíba e comunidades do nordeste brasileiro, como no caso das músicas de chorinho e samba.

Ao tratar das músicas do vale a aula seguiu para a última discussão, acerca das músicas usadas nos filmes de Mazzaropi e como a repercussão dos filmes serviu para criar no imaginário popular a

imagem do caipira, associando a música a um estereótipo desenvolvido nos filmes. Também foi feita uma breve análise sobre o teor das canções de Elpídio dos Santos, presentes nos filmes de Mazzaropi, buscando identificar a presença de características culturais, formas de expressar o cotidiano e como o conteúdo das canções se relaciona com a realidade retratada nas obras.

Discussão

Para Paulo Freire (1996) o ofício de ensinar não se resume a transferir conhecimento, mas consiste em criar as possibilidades para a sua própria produção ou construção. A sala de aula, sob a ótica de Freire deixa de ser um espaço de mera repetição e se torna um ambiente de diálogo, transformação e humanização.

A proposta da aula relatada neste artigo era de desafiar certos padrões de ensino que são, evidentemente, mais comuns no cenário da educação pública como, por exemplo, a disposição dos alunos na sala e a temática abordada, no caso a música como patrimônio imaterial, a fim de entender a usabilidade de padrões alternativos de ensino e como isso afetaria o engajamento da turma com o conteúdo apresentado. Para isso, foram considerados os estudos sobre a didática dialógica de Paulo Freire(1996), que enfatiza a comunicação e a relação recíproca de troca de saberes entre o professor ou, nesse caso, professores e os alunos.

Sobre o conteúdo preparado para a aula, a escolha de falar sobre música e, mais especificamente, música regional não foi à toa. É certo que há grande importância na educação patrimonial, principalmente nas séries do ensino fundamental. Como afirma Silva (2021, p.58) devido a uma mudança na perspectiva da historiografia no século XIX, a história local foi gradualmente deixada de lado em prol da pesquisa da “história geral” devido a primeira ser considerada ínfima em relação à última. Mesmo assim, segundo Goubert (1992, p. 70), a partir da segunda metade do século XX, a história local tem desenvolvido um novo significado. Com isso em mente não é difícil entender o quanto o olhar crítico para os elementos da nossa cultura regional, principalmente nas expressões de arte, se faz essencial para compreender com um pouco mais de certeza os elementos que compõem as dinâmicas de coexistência em sociedade e perceber os problemas que ainda devem ser notados e resolvidos.

Conclusão

Neste trabalho, relatando uma experiência aplicada através da pesquisa-ação, buscou-se entender a aplicabilidade de metodologias de abordagem relacional, descrito por Becker (1994) como aquela que considera os saberes anteriores dos alunos, em vez de tratá-los como se não soubessem nada acerca do assunto da aula. Além da aceitação e relevância do tema da música como patrimônio imaterial mundial e regional, sendo a música do Vale do Paraíba o tema central da aula, a fim de discutir as especificidades de cada gênero musical apresentado, assim como as influências culturais que estão presentes nas músicas. Dito isso, considerando o forte engajamento da turma em que a aula foi aplicada e as discussões acerca do tema que foram geradas durante a aula é notável que a experiência foi de grande aceitação e se mostrou relevante para o grupo de alunos.

Dos resultados notados ficou claro que a fluidez da conversa durante a aula se deu não só em função dos bolsistas PIBID que aplicaram a aula, mas também do repertório pessoal dos alunos que participaram. Comentar sobre o patrimônio musical tanto regional como mundial serviu para clarificar o papel da música enquanto uma ferramenta do “se fazer presente” em uma sociedade. Discutir os elementos característicos dos gêneros musicais do vale funcionou bem para evidenciar as constantes trocas culturais que acontecem entre os povos que habitam a nossa região e mostrar a dinamicidade da música e outros elementos da cultura do Vale do Paraíba.

Com este artigo é possível entender as possibilidades de aplicação de aulas que fogem dos modelos tradicionais sem comprometer o desenvolvimento dos alunos, além da importância que há no

conhecimento do patrimônio musical da região a fim de compreender como se deram as relações que formaram os grupos sociais que constituem as comunidades do Vale do Paraíba ao longo da história.

Em relação a replicabilidade da aula apresentada neste trabalho é de se notar uma possível dificuldade de controle dos assuntos da aula em turmas maiores. Considerando que a turma que participou da aula fazia parte do clube de história da escola e era, inevitavelmente, menor que as turmas regulares, pode-se perceber que a quantidade de alunos influenciou positivamente a aula relatada. Além disso, comentar temas como da música tradicional e suas especificidades e historicidade pode ser difícil de gerar interesse em turmas mais diversas, o que prejudicaria o andamento da aula, limitando o alcance das discussões.

Para outras possibilidades de aplicação de aulas semelhantes, poderiam ser experimentadas adaptações para tratar de outros aspectos da música como métrica e as relações dos sons, em aulas de matemática ou física, variedade linguística em aulas de língua portuguesa ou literatura, aspectos sociais e ideológicos das canções em aulas de sociologia e filosofia e até os efeitos de diferentes gêneros musicais no corpo humano em aulas de química ou biologia, utilizando também das diversas músicas do Vale do Paraíba. Além disso, seria interessante considerar outras disposições de alunos diferentes em turmas maiores como pequenos grupos de pesquisa ou rodas de conversas objetivando a socialização e a sistematização do conhecimento.

Referências

BECKER, Fernando. **Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos**. Educação & Realidade, Porto Alegre, 19(1): 89-96, jan./jun. 1994.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Arte. 3ª ed. Brasília: Ministério da Educação/Secretária de Educação Fundamental, 2001.

BRITO, T.A. de. **Música na educação infantil**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOUBERT, Pierre. **História Local**. História e Perspectiva. Uberlândia, n. 6, jan./jun. 1992.

SILVA, Patrícia Sousa. **A Relação Professor/Aluno no Processo de Ensino/Aprendizagem**. Revista Espaço da Sophia. Nº 07. Outubro/2007. Mensal. Ano I. ISSN-1981–318X. Disponível em: http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-irtual/espaco-praxis-pedagogicas/RELA%C3%87%C3%83O%20PROFESSOR-ALUNO/a%20relacao%20professor%20aluno%20no%20processo%20ensino%20aprendizagem.pdf. Acesso em: 03/09/2026.

SILVA, Luís Carlos Rodrigues da. **A Educação Patrimonial Como Estratégia de Ensino de História no Centro de Ensino Arlindo Ferreira de Lucena, em Barra do Corda - Maranhão**. 2021. 224 f. Dissertação (Mestrado profissional em ensino de história) - Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2021. Disponível em: https://umbu.uft.edu.br/bitstream/11612/2924/1/Luiz%20Carlos%20Rodrigues%20da%20Silva%20-%20Disserta%c3%a7%c3%a3o.pdf. Acesso em: 29/08/2026.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.